

REVISTA DA FACULDADE
DE
CIÊNCIAS SOCIAIS
E
HUMANAS
2



1988

I. P. Couliano, *Eros et magie à la renaissance* — 1484, «Coll. Idées et Recherches», Paris, Flammarion, 1984.

Professor na Universidade de Groninga (Holanda), Ioan Peter Couliano é um historiador das religiões, especialista do Gnosticismo, da Antiguidade Tardia e Balcanólogo.

Prefaciado por Mircea Eliade, este seu livro — em que reúne vários estudos anteriores — é a versão francesa, revista e aumentada, do original romeno de 1979. Na linha de outros grandes investigadores que pretendem a reabilitação dos estudos sobre Hermetismo e Ocultismo — Burckhardt, G. Gentile, E. Garin, P. O. Kristelles, Gombrich, F. Yates, D. P. Walker ou A. Debus — o A. propõe-se estudar a imaginação humana tal como se exprime nos documentos referentes ao Eros e Magia no Renascimento. Recusando emitir julgamentos de valor sobre as constatações históricas, tenta perceber as relações de um homem do Renascimento com os seus fantasmas, e quais as causas produtoras da enorme mudança no imaginário que acompanha a passagem de uma sociedade predominantemente mágica a outra científica.

Não lhe parece possível o estudo da Magia sem o conhecimento prévio dos princípios e mecanismos que a ligam a Eros, à Arte da Memória, à Alquimia e à Cabala prática. Assim, explora as diversas formulações da «inaudível linguagem entre alma e corpo» que estão na base da síntese helenística entre a problemática do olhar platónico e o pneuma aristotélico. Desta primeira arte de sondar as possibilidades latentes da

alma, com o fito de surpreender «os segredos do país por onde viaja o intelecto» — a que se associa a Gnose universalista de Mani — emerge o postulado fundamental que serve de base, não só à substituição dos códigos trovadorescos por outros, mais rígidos e científicos, como também a todas as operações fantásticas do Renascimento. Eros estabelece a continuidade entre os pneumas individual e cósmico, é o veículo astral que permite a transformação dos objectos captados pelos sentidos em fantasmas sinestésicos, e a sua ligação à Magia vem a ser conseguida pela Arte da Memória.

Atribuindo a Marsílio Ficino a paternidade da equação Eros=Magia, considera que este terá procurado fundamentar transcendentemente a psicologia empírica de Eros, e analisa a fusão entre astrologia e teoria dos humores, decorrente da reflexão neo-platónica sobre a regência saturnina da melancolia (relevante para o posterior conceito romântico de génio). Desmontando a polémica que se gera entre Ficino e Pico della Mirandola sobre as traduções do *Baquete* de Platão, seus seguidores e oponentes, o A. vai centrar-se na figura de Giordano Bruno. Para Couliano, Bruno sintetiza a alienação de Ficino com a mística de Pico e, tendo posto a mnemotécnica ao serviço de Eros, reformula o conceito de Mago. Este é agora o manipulador capaz de livre arbítrio, não mais entravado pelas forças da natureza que aprendeu a conhecer e controlar: o cavaleiro do espírito. Ao apogeu de Bruno segue-se o princípio do declínio detectado nas figuras do Abade Tritémus e de Agripa.

É o subtítulo deste estudo que aponta para o início da grande censura ao fantástico. Revela-nos o A. que 1484 — devido a uma conjunção de Saturno com Júpiter em signos de água — foi considerado pelos astrólogos do tempo como prenúncio da chegada de um «pequeno profeta» que desencadearia profundas alterações de carácter religioso. Curiosamente, constata ser esse um dos hipotéticos anos do nascimento de Lutero, e data da Bula de Inocência VIII que desencadeia a «caça às bruxas». Explora então o que chama paradoxo histórico: a identificação entre Reforma e Contra-Reforma num mesmo rigor de censura ao imaginário (ico-

noclastia e Inquisição). Após uma análise — que nalguns momentos se torna polémica — das estratégias de sobrevivência dos grandes nomes do Renascimento, o A. usa, como exemplo da manifestação das regressivas forças reformistas, a lenda de Fausto. Nela encontra, acumulados, todos os traços ideológicos da rejeição do fantástico, iconoclastia, culpabilidade intrínseca da natureza e da sua principal representante, a mulher.

Termina afirmando que a civilização ocidental moderna é um produto da Reforma, tanto pelas suas instituições, como pela recusa unilateral do imaginário o que, teoricamente, terá provocado o aparecimento da ciência exacta. O homem moderno apresenta-se-lhe como uma mutação que recalca em si o homem do Renascimento: para Couliano, a Magia é a ciência perdida da manipulação dos fantasmas psíquicos, e dirige-se, em primeiro lugar, à imaginação humana. O Mago do Renascimento — entre psicanalista e profeta — é encarado como um precursor das modernas profissões associadas às relações públicas, comunicação de massas, publicidade, propaganda, ou ainda política e espionagem. Detecta também laços entre as recentes tecnologias e a Magia renascentista pois, embora por outros meios, ambas buscam os mesmos objectivos: comunicações à distância, transportes rápidos, viagens interplanetárias.

Helena de Mesquita Barbas